

ARQUIVOS E HISTÓRIA SOCIAL

RUDOLF DE JONG

1. O MOVIMENTO

"A emancipação dos trabalhadores deve ser obra dos próprios trabalhadores", escreveu Karl Marx. Podemos afirmar que a escrita da história dessa emancipação tem sido, por várias gerações, trabalho dos próprios trabalhadores e seus simpatizantes, antes que os historiadores acadêmicos voltassem sua atenção a esse tópico. Nada surpreendente. A História sempre foi a história de vencedores e elites. A história dos derrotados e dos pobres foi negligenciada e negada, sua herança histórica fora freqüentemente destruída.

No século XIX, assim como por um longo período em nosso século, as organizações dos trabalhadores e sua batalha pela emancipação ficaram fora da gama de interesse da pesquisa histórica acadêmica. Bibliotecas e arquivos bem conceituados olharam freqüentemente com desdém para panfletos e periódicos editados por grupos e organização dos trabalhadores. É fato conhecido que antes da I Grande Guerra várias bibliotecas nacionais e universitárias que receberam regularmente essas publicações de grupos socialistas e anarquistas condenavam tais presentes ao lixo.

Militantes, organizações e grupos pertencentes ao movimento operário ajudaram a recuperar a herança histórica do movimento: arquivos, bibliotecas e outros documentos. Entre as pessoas que se importaram sobre sua história e sobre os arquivos, houve trabalhadores que provaram ter nascido historiadores. E, é claro, sempre existiram exceções no mundo institucionalizado do aprendizado: acadêmicos com um interesse real na história dos movimentos dos trabalhadores.

Rudolf de Jong

2. DOIS PAIS E UMA MÃE: A FUNÇÃO DO IIHS

O Instituto Internacional de História Social - IIHS (Internationaal Instituut voor Sociale Geschiedenis), localizado em Amsterdã, nasceu em 1935 e teve dois pais e uma mãe. Seus nomes são: Prof. Dr. N. W. Posthumus (1880-1960), Nehemia de Lieme (1882-1940) e Annie Adama van Scheltema (1884-1977).

Posthumus deu ao IIHS suas concepções estruturais e científicas, que duraram por meio século. O dinheiro necessário veio de Nehemia de Lieme, e a Sra. Adama van Scheltema foi muito atuante na coleta das primeiras levadas de arquivos, livros e periódicos que chegaram ao IIHS. Obviamente, havia também outros, mas essas três personalidades precisam ser mencionadas.

Posthumus, que se tornou o primeiro doutor do IIHS¹, era um historiador econômico. Talvez pareça um pouco estranho que um historiador econômico, e não social, tenha estado na origem de um instituto interessado principalmente na história operária, mas Posthumus tinha uma abordagem muito ampla e foi um dos primeiros administradores universitários na Holanda. Seus esforços para salvar a herança documental do movimento operário e dos socialistas datavam já de 1944. O Arquivo de História Econômica dos Países Baixos (NEHA), criado por Posthumus, foi praticamente o instituto-mãe do IIHS. O filho logo superou a mãe.

Nehemia de Lieme era diretor de uma companhia de seguros. Talvez pareça muito estranho que uma companhia de seguros dê dinheiro para financiar um instituto como o IIHS. Essa companhia - a *N. V. De Centrale Arbeiders Verzekerings en Depositobank* (Banco Central de Seguro e Depósito dos Trabalhadores), fundada em 1904 depois de uma greve geral -, no entanto, estava intimamente ligada ao movimento social-democrata holandês. De acordo com seus estatutos, uma parte dos ganhos tinha de ser usada para a elevação cultural das classes trabalhadoras.

¹ Seus sucessores foram Prof. Dr. A. J. C. Rüter, Prof. Dr. Fr. de Jong, Dr. R. J. van der Leeuw, Prof. Dr. E. J. Fisher e (desde 1993) J. Kloosterman. Com exceção de Dr. Fisher todos tinham sido antigos colaboradores do IIHS.



Interior do prédio do Instituto Internacional de História Social, em Amsterdã, Holanda. Fotografia de Wim Ruigrok, reproduzida do *Guide to the International Archives and Collections at the IHS, Amsterdam* (p. VIII), editado por Atie Van der Horst e Elly Voen, publicado em Amsterdã, em 1989 (no AEL, livro L/288 da Biblioteca de Apoio). Banco de Imagens/AEL/UNICAMP.

Rudolf de Jong

A Sra. Adama van Scheltema era viúva de um poeta popular holandês. Soa estranho que a viúva de um poeta torne-se interessada em tais materiais insípidos e prosaicos como periódicos velhos e panfletos esquecidos. Ela era, no entanto, viúva de um poeta socialista, que fora muito dedicado à causa e ao seu partido. Em 1934, este partido - o Social Democratische Arbeiders Partij, SDAP (Partido Social Democrata dos Trabalhadores) - celebrou seu 40º aniversário e percebeu que os testemunhos escritos e impressos de sua história poderiam ficar perdidos se ninguém se importasse com eles. Annie Adama van Scheltema foi requisitada para ser a arquivista do partido, a fim de coletar os arquivos da organização e de suas seções locais e os arquivos pessoais de seus líderes e militantes. A idéia de um arquivo do partido veio junto com o projeto de Posthumus de estabelecer um instituto mais amplo, começando com a seção sobre história social, já criada no NEHA.

Nesses anos havia muito mais coisas em jogo. A herança do movimento operário europeu não apenas fora ameaçada, mas também negligenciada. Desde 1933, Hitler estava no poder na Alemanha. O estatismo na Rússia fez da pesquisa histórica um assunto de puro oportunismo político. Arquivos e documentos tornaram-se coisa perigosa. O Instituto Marx-Engels-Lênin em Moscou, fundado nos anos 20, perdeu seu diretor no grande expurgo, Dr. Rjazanov, um homem de grande reputação dentro e fora da Rússia. Em outros lugares da Europa, pessoas e organizações da esquerda também foram perseguidos ou tiveram de fugir. Lá, arquivos e bibliotecas tiveram de ser salvos. Algumas vezes, isso não acontecia sem riscos. Annie Adama van Scheltema conseguiu levar os arquivos do anarquista alemão Gustav Landauer - seu túmulo foi destruído pelos nazistas - para fora da Alemanha em 1937. No ano seguinte, ela foi a Viena; no mesmo dia em que as tropas nazistas da Alemanha entraram na cidade. Com ajuda da embaixada alemã, ela conseguiu escapar com os manuscritos de M. Bakunin e material de Max Nettlau, assim como a biblioteca do social-democrata austríaco R. Danneberg, já aprisionado pelos nazistas. Ela fez 50 vezes o caminho pela embaixada, com grandes embrulhos contendo essa biblioteca.

O IHS foi fundado com o propósito de criar um verdadeiro centro internacional de documentação e investigação sobre história do trabalho

e do socialismo. O Instituto era um antigo sonho de Posthumus, um grande esforço cultural para Nehemia de Lieme e o "segundo amor de minha vida" para Anna Adama van Scheltema.

3. AS CONCEPÇÕES DE POSTHUMUS E O IIHS

Antes da II Guerra Mundial, a "história social" tinha um significado diferente na Europa continental - basicamente Alemanha - e nos países Anglo-Saxões. "A história social é a política da história deixada de lado", escreveu o historiador inglês Trivelyan em seu famoso *Social history of England*. No continente, a idéia sobre história social tinha um conteúdo mais estrito. Ali, a história social era história do trabalho, e trabalho na sua batalha por emancipação no mundo capitalista industrial. Conseqüentemente, a história social era basicamente a história do socialismo, do sindicalismo trabalhista e outras formas de movimentos operários, de idéias e de experimentos sociais nos séculos XIX e XX, juntamente com seus predecessores e tópicos relacionados.

Essa concepção continental de história social foi usada pelo IIHS com forte ênfase nos aspectos de emancipação dos movimentos sociais. É, por exemplo, a idéia básica que ordena o catálogo sistemático ainda em uso no IIHS, com uma divisão tripla em sua base: a) situação social; b) a reação teórica contra a situação social: idéias e ideologias sociais, incluindo pensadores sociais; etc.) ação prática: movimentos sociais e ações sociais, incluindo partidos e outras organizações, greves, revoluções e pessoas que tiveram um papel importante nos movimentos, etc. Essa concepção européia da história social, com sua atenção específica no socialismo e nos trabalhadores industriais, deixa outras questões sociais importantes fora do quadro. Por exemplo, os problemas envolvidos na escravidão e na sua abolição - tão importante para a história social do Brasil, dos EUA e de muitos outros países (somente sobre a abolição no Suriname o IIHS possui uma coleção admirável de panfletos).

Dentro de sua concepção de história social, o IIHS sempre tentou coletar de uma maneira bem ampla: não apenas o material sobre social-

Rudolf de Jong

democracia, comunismo ou marxismo são bem vindos, mas, também, material sobre anarquismo, sindicalismo, utopistas, movimentos trabalhistas católico e protestante, etc. Idéias e movimentos relacionados aos movimentos operários encaixavam-se também na concepção sobre história social do IIHS. Eu menciono livre-pensadores e ateísmo, movimentos antimilitaristas e pacifistas, contra a bebida alcoólica, pela emancipação das mulheres, movimentos jovens de reforma sexual, o anticolonialismo e o antiimperialismo e, a partir da década de 60, novos movimentos alternativos e organizações não-governamentais (ONGs).

Também em outro sentido o IIHS tem sempre coletado de maneira vasta: todas as formas e tipos de testemunhos são bem-vindos. Além de livros, panfletos, atas de congressos, periódicos e documentação pessoal, o IIHS está interessado em todos os tipos de iconografia (cartazes, fotos, pinturas, desenhos, *cartoons*, bandeiras, estandartes e outros materiais com suporte em tecido, *buttons*, filmes e vídeos atuais); material sonoro (discos e fitas de áudio); curiosidades, incluindo a peça de *goose* de Karl Marx e sua família e uma pedra de paralelepípedo da revolução de maio em Paris, 1968. São muito importantes as coleções de "materiais cinzentos" - panfletos distribuídos nas ruas e outros documentos impossíveis de serem classificados como periódico, documentação pessoal ou outra coisa.

O material básico produzido pelos próprios movimentos foi a primeira preocupação do Instituto. Mas coletar, preservar seus acervos e os tornar acessíveis nunca foi o único objetivo do IIHS. A pesquisa e a publicação sempre foram consideradas outras de suas tarefas essenciais.

4. INTEGRAÇÃO

Posthumus tinha uma concepção integrada sobre a relação entre as coleções e a pesquisa histórica. Os colaboradores científicos que formavam a equipe tinham várias tarefas: coletar; tornar as coleções acessíveis; dar assistência e informação científica a visitantes e correspondentes; efetuar pesquisas históricas nos arquivos e nas coleções do IIHS e publicar os resultados de sua pesquisa.

Posthumus criou quatro departamentos (chamados de *cabinets*), cobrindo diferentes países e partes do mundo: a Europa Central, com Alemanha e Áustria; Rússia e Europa Oriental; os países latinos com França, Itália, Espanha e América Latina e o anarquismo como um movimento internacional de especial importância para esses países; Países Baixos e Bélgica, juntamente com a Grã-Bretanha, os Estados Unidos da América, o resto do mundo de fala inglesa, a África e a Ásia, as organizações internacionais, a coleção de livros "gerais" e iconografias. Este último *cabinet* reflete o fato de que os movimentos socialistas "internacionais" estavam certamente orientados de uma forma bem europeia no mundo do socialismo e do movimento trabalhista, com irradiações para as Américas e também para outros países.

O IIHS desenvolveu um programa ambicioso de publicação. Uma idéia era publicar fontes de história social e monografias com os documentos originais dos acervos do Instituto. Esse programa foi realizado, mas apenas de forma parcial, depois da II Grande Guerra. O IIHS começou a publicar um livro do ano, uma revista e um boletim.

As primeiras pessoas a coordenarem esses quatro departamentos, dois deles exilados políticos, eram especialistas em seus campos e se dedicaram a vida toda ao Instituto. A. J. C. Rüter, na coordenação do Departamento dos Países Baixos, e posteriormente professor, tornou-se seu segundo diretor. Arthur Lehning, do Departamento Latino, foi por muitos anos o editor dos Arquivos Bakunin. Boris Sapir, do departamento Russo, editou uma coleção de originais e monografias sobre a história do movimento socialista russo antes de 1917 e no exílio. Outra pessoa, também um exilado, que deve ser mencionado aqui é Boris Nikoslavsky, que se tornou diretor da divisão do IIHS em Paris, criado em 1936. Entre suas importantes aquisições de bibliotecas e arquivos russos estão as dos mencheviques, Partido Socialista Revolucionário, assim como o arquivo de Leon Trotsky.

Rüter foi o único da equipe, além de Posthumus, com uma formação acadêmica completa. Os outros eram militantes social-democratas ou anarquistas com grande interesse e conhecimento da história dos movimentos dos trabalhadores. Naturalmente, é possível também imaginar

Rudolf de Jong

a figura do historiador militante como um tipo de integração. Os colaboradores do IIHS nunca tinham a abordagem do historiador tipicamente "partidário". Foi trabalhando em seus campos de interesse que eles se tornaram profissionais, e muitas de suas publicações são ainda modelos para historiadores com formação acadêmica.

O IIHS nunca teve uma orientação política específica e sempre foi completamente independente de influências políticas, partidos, etc. Não foram apenas Marx e Bakunin, os antagonistas famosos do passado, que foram trazidos juntos pacificamente ao IIHS. O Instituto sempre manteve boas relações com organizações e pessoas bem diversas, desfrutando de sua confiança. Se o IIHS esteve alguma vez envolvido em "política", isso veio de fora. Assim, em 1936, agentes da Rússia estalinista arrombaram a divisão do IIHS em Paris para roubar os arquivos que Leon Trotsky confiara ao Instituto. E, por mais de 20 anos, o IIHS esteve envolvido em problemas e conflitos internos da organização anarco-sindicalista espanhola, primeiramente no exílio durante o governo de Franco e, depois, na Espanha, onde a organização se partiu em dois grupos em seu 5º Congresso em Madri, o primeiro depois da morte do ditador, em 1978.

Ambos os grupos reivindicaram a propriedade de seus arquivos da guerra civil, em custódia, desde 1939, no IIHS. Os membros de um dos grupos até ocuparam a entrada do Instituto por vários dias. No final, uma decisão da Corte Constitucional da Espanha tornou possível assinar - em 1994! - um contrato.

5. O RESGATE DE UMA HERANÇA INTERNACIONAL: 1935-1940

O IIHS é "uma sociedade para resgatar documentos", disse Posthumus em uma entrevista à imprensa, em 1936. E, como já foi dito, resgatar foi a atividade principal antes que a Holanda entrasse na II Guerra. As aquisições desses poucos anos deram ao IIHS sua posição singular no mundo do conhecimento. Uma história dos primeiros 12 anos do IIHS

(escrita por M. Hunink, uma de suas ex-bibliotecárias)², contém uma lista das aquisições mais importantes até a ocupação alemã em 1940; há 71 tanto de fora dos Países Baixos quanto da Holanda com correspondência internacional importante.

A seguir, apresento algumas indicações do valor histórico dessas aquisições.

5.1. As coleções alemãs foram e continuam sendo as mais importantes.

Em 1938, o IHS obteve o então chamado "Arquivo Histórico" do Partido Social-Democrata Alemão. Ele continha 14 coleções de diversos arquivos, com cerca de 100 mil documentos ao todo. Os arquivos pessoais de Karl Marx e Friedrich Engels, com suas correspondências, seus manuscritos e notas, etc., são a grande riqueza do "Arquivo Histórico". O manuscrito de *Das Kapital* e a única página remanescente do *Manifesto Comunista* estão hoje em Amsterdã.

Entre outras coleções pertencentes a esse "Arquivo Histórico" estão as de Hermann Jung e Johann Ph. Becker, que tiveram um papel importante na Associação Internacional de Trabalhadores, a chamada Primeira Internacional, fundada em 1864; as de August Bebel, Eduard Bernstein, Julius Motteler, Georg von Vollmar, todos eles membros importantes do Partido Alemão; Moses Hess; as dos conselhos de trabalhadores e de soldados na Alemanha depois da I Guerra. O Partido Alemão conseguiu transportar esse "Arquivo Histórico" para Praga, depois de Hitler ter subido ao poder.

² HUNINK, Maria. *De Paieren van de Revolutie. Het Internationaal Instituut voor Sociale Geshiedenis 1935-1947*. Amsterdã, IISG, 1986. HORST, Atie van der, KOEN, Elly (ed.). *Guide to the International Archives at the IISH, Amsterdam*. Amsterdã, IISG, 1989. Esta obra contém breves descrições dos arquivos. LUCASSEN, Jan. *Tracing the past. Collection and research in social and economic history; the International Institute of Social History, the NEHA and related institutions*. Amsterdã, IISG, 1989. Esta obra fornece uma série de informações sobre o trabalho, a organização e as coleções do IHS.

Rudolf de Jong

Outras grandes aquisições enriqueceram o Departamento Alemão, como o arquivo de Wilhelm Liebknecht, um dos fundadores do Partido, e o de Karl Kautsky, o teórico marxista mais influente na época da II Internacional Socialista (1889-1914), com correspondência com todas as figuras social-democratas conhecidas dessa época. Há mais de 13 mil cartas para Kautsky, que morreu no exílio na Holanda, em 1938. Na verdade, Kautsky era um austríaco, e de seu país veio outro material importante: a biblioteca de Max Adler e a de Robert Danneberg, mencionada anteriormente.

5.2. A documentação mais completa no IIHS certamente se refere aos Países Baixos. Menciono isso apenas de passagem, pois o meu objetivo aqui é de abordar mais sobre os aspectos internacionais do IIHS e seus acervos internacionais.

5.3. As coleções sobre anarquismo são únicas no mundo. A maior parte do material anarquista vem do historiador anarquista e colecionador Max Nettlau. Sua coleção continha cerca de 50 mil títulos, entre livros, periódicos e panfletos; os manuscritos de Mikhail Bakunin, manuscritos e documentos de muitos outros anarquistas famosos - menciono apenas os nomes de Kropotkin, Malatesta e Reclus; arquivos de organizações como Liga Socialista Inglesa, de William Morris, e do *communard* Pierre Vésinier. E, por último, mas não menos importante, o arquivo do próprio Nettlau, com uma vasta correspondência, muitos manuscritos não publicados e todos os tipos de documentos.

Entre outros arquivos anarquistas que entraram no IIHS estão os do alemão Gustav Landauer, dos anarquistas russo-americanos Emma Goldman e Alexander Bukmann, além dos arquivos de organizações anarquistas e anarco-sindicalistas espanholas, a coleção do austríaco Pierre Pomus e a correspondência internacional do libertário suíço Fritz Brupbacher.

5.4. Outras coleções. Eu já mencionei várias aquisições russas. Uma aquisição francesa foi a coleção rara de Lucien Descaves a respeito da Comuna de Paris e suas conseqüências, com registros pessoais de Louise

Michel, Paulene Rolland, Gustave Lefrançais, Jules Vallès, Eugène Varlen e muitos outros documentos. Outra aquisição da França foi o arquivo do marxista Jules Guesde. Na Inglaterra, o IIHS obteve valiosa coleção de Kashnor, contendo cerca de 12 mil ítems (1.500 manuscritos) de pensadores radicais e sociais e de movimentos na Grã-Bretanha entre 1600 e 1879 - os niveladores e Winstanley; os socialistas britânicos recentes como Hodgskin, W. Thompson, Gray, Thomas Paine e outros radicais. Dos Estados Unidos chegou uma coleção a respeito das comunidades norte-americanas no século XIX. Os acervos a respeito da I Internacional foram enriquecidos pela coleção Montseny de periódicos espanhóis.

6. MAX NETTLAU

Há várias razões para prestar um pouco mais de atenção em Max Nettlau. Em primeiro lugar, porque podemos comparar Nettlau e sua coleção com Edgard Leuenroth e a coleção deste. Ambos eram libertários convictos, militantes - as publicações de Nettlau podem ser encontradas na imprensa libertária de sua época, em todo o mundo -, e ambos salvaram, com muito esforço e amor, uma parte imensa da herança histórica do movimento: Leuenroth, do movimento brasileiro; Nettlau, do mundo libertário em sua totalidade. Os livros são freqüentemente conservados, os panfletos algumas vezes. Mas quem se importa com o material impresso do movimento, os folhetos distribuídos nas ruas, cartazes, correspondências e manuscritos? Leuenroth e Nettlau importaram-se. Ambos receberam muita ajuda de seus companheiros e então montaram suas impressionantes coleções.

Max Nettlau foi também um grande historiador, extremamente original. De fato, suas coleções, seus estudos históricos, suas contribuições à imprensa libertária e seus arquivos pessoais com suas correspondências e manuscritos formam uma unidade específica.

Seu campo de interesse nunca foi os vitoriosos, nem as idéias já sedimentadas nem mesmo as idéias instituídas no interior do pensamento anarquista. Ele dirigiu sua atenção a causas perdidas, a experimentos e

Rudolf de Jong

tentativas que falharam, a homens e publicações esquecidas, mas não perdidas. Era um lingüista por formação e sua dissertação foi uma reconstrução da gramática do *cymric*, uma língua morta de origem celta.

Ele se tornou um anarquista e resgatou da morte a "vida" do revolucionário Mikhail Bakunin, escrevendo sua biografia - com recursos de história oral e procurando testemunhos quase perdidos - e coletando e publicando muitos dos manuscritos do anarquista russo, parcialmente inéditos.

Seu *opus magnum* é uma vasta história do anarquismo, escrita em alemão em sete volumes, com mais de 30 páginas ao todo. Está hoje apenas parcialmente publicado (os primeiros cinco volumes) e é repleta de informações biográficas, buscadas em sua coleção. Ela contém também um capítulo - ainda não publicado - sobre o Brasil.

7. A AMÉRICA LATINA E O ACERVO BRASILEIRO DO PERÍODO ANTERIOR A 1940

Em vários arquivos do IIHS encontra-se material interessante sobre a América Latina. Max Nettlau coletou folhetos e impressos da Argentina, do Brasil e de outros países latino-americanos. Os arquivos do anarquista hispano-argentino Diego Abad de Santillán contêm correspondências da Argentina e México dos anos 20. As coleções dos libertários italianos Hugo Fedeli e Luigi Fabri, que viveram no exílio em Montevideú são importantes para a história do anarquismo na América Latina. Os arquivos de Trotsky e da Internacional Socialista contêm correspondência com informação sobre a América Latina e oferecem alguns itens interessantes sobre o Brasil.

As importantíssimas coleções de periódicos da América Latina no IIHS do período anterior à II Grande Guerra vêm principalmente de Max Nettlau e parcialmente de A. Hamon. Eles foram descritos, juntamente com outros acervos, na *Latin American Research Review* nos anos 70.

As referências ao Brasil e à Argentina são de Eric Jordan, Michael M. e Hobart S. Spalding Jr³.

Eles encontraram no IIHS 144 títulos de periódicos do Brasil e 44 títulos de livros e panfletos. De fato, outros países da América Latina estão muito melhor representados no IIHS. A pesquisa contém 12 páginas sobre o Brasil e mais de 47 sobre a Argentina. A língua não foi favorável à presença do material brasileiro mais antigo nas bibliotecas e instituições operárias: na Europa, a imprensa espanhola da América Latina tinha certamente uma distribuição mais larga do que a escrita em português. Essa desvantagem de ser um gigante com uma língua "restrita" é ainda hoje um fator importante.

Depois que a pesquisa sobre o Brasil e a Argentina foi publicada, o IIHS e o Arquivo Edgard Leuenroth realizaram uma troca muito importante de microfilmes e microfichas, aumentando enormemente seus acervos. As coleções completam-se porque o IIHS possuía mais material anterior a 1920, enquanto o Arquivo Edgard Leuenroth, muito mais de pós-1920. O IIHS recebeu microfichas de 251 periódicos diferentes e de 979 panfletos; a coleção não se limita apenas ao período anterior a 1940, mas abrange publicações realizadas até por volta de 1960. É impossível fazer cópias dessas microfichas.

8. OCUPAÇÃO E RECUPERAÇÃO

No dia 10 de maio de 1940, o Exército da Alemanha nazista atacou os Países Baixos. Cinco dias depois, o exército holandês capitulou. No dia 15 de julho, os alemães fecharam o Instituto. Eles não destruíram as coleções porque tinham seus interesses na herança de seus inimigos ideológicos. Alfred Rosenberg, o teórico-mor da ideologia nazista, estava muito interessado nas coleções, e um grupo de sua equipe começou a

³ *Latin American Research Review*, ano 8, n. 3, outono de 1973. A coleção mexicana encontra-se em *Latin American Research Review*, ano 10, n. 1, primavera de 1975; e a coleção de outros países da América Latina, em *Latin American Research Review*, ano 12, n. 1, primavera de 1977.

Rudolf de Jong

trabalhar no IIHS. O próprio Rosenberg visitou o Instituto em 1944. Ele não foi o único entre os homens importantes na Alemanha de Hitler a mostrar interesse no IIHS. Ley, o líder da Frente de Trabalho Alemã, reivindicou o IIHS e também o fez Heydrich, chefe da polícia secreta, que queria usar a coleção para a perseguição dos antifascistas. Rosenberg ganhou a batalha, mas em setembro de 1944 todos os materiais do IIHS foram removidos e transportados para a Alemanha. Depois da libertação, em maio de 1945, Adama van Scheltema entrou em um prédio vazio.

Uma parte dos arquivos mais importantes foi levada com segurança para Londres logo depois da II Guerra. Arthur Lehning estava na direção da seção londrina do Instituto que sofreu bombardeios. A divisão em Paris, no entanto, foi completamente saqueada pelos nazistas.

Adama van Scheltema tentou descobrir o que havia acontecido com os pertences desaparecidos do IIHS. Assim, em abril de 1946 foram encontrados navios na Alemanha e um trem na Áustria contendo a maior parte dos pertences roubados. Eles retornaram, não sem dificuldades, a Amsterdã, junto com os arquivos londrinos. Por causa da perda dos catálogos e das descrições dos arquivos, foi impossível saber exatamente o que foi perdido.

Depois da revolução de Gomulka na Polônia, em 1956, parte dos pertences do IIHS - transportados para a região da Alemanha Oriental que se tornou território polonês em 1945 - foi descoberto e entregue ao IIHS. E, nos anos recentes, as coleções encontradas pelos russos na Alemanha nazista e transportadas para Moscou voltaram para seus antigos proprietários. Destaco os arquivos do Partido Socialista Espanhol sobre a Guerra Civil, que foram trazidos com segurança à França no fim da Guerra Civil Espanhola, em 1939. Eles foram dados em custódia à divisão de Paris do IIHS e desapareceram durante a ocupação da França. Estes arquivos puderam retornar a Madri na época de Gorbatchov.

A rearticulação do IIHS não foi uma tarefa fácil. Catálogos e descrições tiveram de ser feitos. Havia falta de dinheiro, a maior parte da equipe do período anterior à guerra não retornou. Levou uma década para restaurar um pouco de ordem. O Instituto reabriu suas portas para visitantes em 1951 e o boletim foi publicado novamente. O primeiro visitante da América Latina que fez pesquisa na sala de leitura foi, segundo

meu conhecimento, o saudoso professor Carlos Roma, de Montevideu. Ele veio ao IIHS em companhia de sua pequena filha, porque, nesses dias calmos era possível usar a sala de leitura também como um *playground* para crianças.

Mesmo nos anos anteriores à reabertura, o Instituto continuou a coletar material; estava na lista de correspondência de muitas organizações socialistas, comunistas e anarquistas, e muitas aquisições chegaram.

Com os anos 60 chegou o tempo de mudança.

9. EXPANSÃO

A consolidação foi seguida de um novo período de expansão. O boletim foi substituído pela *International Review of Social History*, e, em 1955, surgiu o primeiro volume de um extenso programa de publicação de séries diversas de fontes e documentos sobre história social. O primeiro volume continha a correspondência entre Kautsky e Engels e foi seguido pela publicação de correspondências diversas de Bebel, Liebknecht e Kautsky. A publicação das de Bakunin começaram em 1961. O trabalho de Boris Sapir já foi mencionado anteriormente e devo também mencionar os papéis de Trotsky, os documentos sobre a Conferência de Zimmerwald de socialistas antimilitaristas durante a I Guerra Mundial e os arquivos de Humbert Droz, delegado do Komintern para os países latinos (com poucos documentos desapontadores a respeito da América Latina e do Brasil). Essas publicações de originais foram editadas por membros e ex-membros da equipe. Além de editar esse tipo de fontes básicas, o IIHS publicava monografias, isto é, uma série holandesa. Mas, aí já entramos nos anos 70 e 80. Deixe-me retornar aos anos 60.

Tornou-se possível atrair mais funcionários. O catálogo ficou mais profissional, e catálogos sistemáticos foram feitos para a maior parte dos países. O catálogo alfabético passou a ser impresso⁴.

⁴ *Alphabetical catalog of the books and pamphlets of the International Institute of Social History*. Boston, G. K. Hall & Co, 1970, em 14 volumes, com 310 mil títulos. Idem. *First supplement*, 1975, 2 volumes. Idem. *Second supplement*, 1977, 3 volumes (este suplemento contém vários títulos sobre a América Latina).

Rudolf de Jong

Os quatro *cabinets* subdividiram-se; por volta de 1975 havia 11 *cabinets* (incluindo a publicação da revista, os Arquivos Bakunin e o departamento de arquivos de imagem), com cerca de 30 pesquisadores e assistentes ao todo. O departamento de arquivos de imagem com sua rica coleção iconográfica logo atraiu produtores de televisão de muitos países europeus.

Formaram-se os departamentos técnicos para os arquivos, para a classificação (catálogo sistemático), para os periódicos e para reprodução (fotos, microfimes, etc.). Isso não foi, no entanto, suficiente para dar conta da explosão de atividades no que diz respeito à história social desde os últimos anos da década de 60. A cópia de segurança em filmes tornou-se possível para os arquivos e periódicos mais importantes.

Na segunda metade da década de 60, a história do trabalho entrou na moda entre historiadores profissionais. E historiadores de todos os continentes descobriram o IIHS.

O marxismo e o anarquismo atraíram o interesse de estudantes e jovens em todo o mundo; eles criaram novas formas de ação social e aderiram às novas idéias e ideologias da esquerda. Antigas figuras, quase esquecidas, das tradições socialista e anarquista voltaram à baila. Assim, visitantes de todos os tipos vieram ao IIHS, e algumas vezes a sala de leitura parecia um *playground*, não para crianças, mas para jovens da esquerda em busca de seus pais espirituais.

Mais e mais materiais chegaram ao IIHS. Muitas lacunas nos velhos acervos foram preenchidas com novas aquisições de países não contemplados pelos *cabinets*; o material referente à Indonésia e à China foi incorporado ao IIHS. Grandes arquivos institucionais, dos sindicatos holandeses e das organizações internacionais de sindicatos socialistas e movimentos pacifistas deram entrada no prédio. A maior parte desses arquivos institucionais criou problemas de espaço. A produção de trabalhos profissionais sobre história social aumentou enormemente; a produção oriunda de movimentos sociais novos e dos mais tradicionais, mais ainda; e conseguir esse material básico foi de grande importância para o IIHS.

É impossível mencionar todas as coleções que entraram no IIHS depois da II Guerra Mundial, especialmente a partir da década de 60.

General index of archives and collections, publicado em 1986, contém em torno de 500 arquivos (internacionais e holandeses). *Guide to the international archives and collections at the IISH*, Amsterdam, publicado em 1989, possui 343 ítems, divididos em 257 arquivos e coleções individuais e 86 em arquivos de organizações.

As aquisições que chegaram ao IIHS criaram mais trabalhos a se fazer. As aquisições tinham de ser acessíveis ao público e atraíram novos e antigos visitantes. A diferença entre aquisição e acessibilidade estava crescendo novamente. Por duas vezes - em 1969 e, de novo, em 1981 - o IIHS mudou-se para prédios com acomodações maiores para seus acervos, sem chegar a uma solução definitiva para o problema de espaço físico.

10. UMA POSIÇÃO ESPECÍFICA

Um professor americano de história - assim diz a anedota - recebeu, na II Guerra Mundial, a seguinte carta de um soldado que fora antes um de seus alunos: "Caro professor, nesta guerra eu descobri que é muito mais fácil escrever história do que fazê-la".

Nessa anedota encontramos apenas o fazedor e o escritor de história. Entre eles, no entanto, há pessoas e instituições que preservam a história, os bibliotecários e os arquivistas. No IIHS os três têm se encontrado freqüentemente de uma maneira harmoniosa e frutífera.

Os historiadores e outras pessoas que visitaram o Instituto ou se corresponderam com ele necessitaram de muita assistência, especialmente porque muitos arquivos ainda não contavam com boas descrições e várias coleções de material impresso ainda esperavam para ser catalogadas.

O IIHS criou desde o começo uma relação de confiança com todos os tipos de organizações e pessoas. Os bibliotecários e outros colaboradores mantiveram freqüentemente uma relação muito pessoal com militantes e outras pessoas de outros movimentos, homens e mulheres que de fato fizeram a história. E essas pessoas quase sempre aceitavam a posição particular de neutralidade do IIHS. Sem tomar nenhum partido, o IIHS foi considerado o curador da herança histórica do trabalho e dos movimentos alternativos na sua totalidade.

Rudolf de Jong

Todos os tipos de visitantes - jovens e velhos, historiadores profissionais, estudantes, militantes e jornalistas - foram muito prestativos para com o IIHS. Eles trouxeram coleções, persuadiram outras pessoas a mandar seus arquivos e bibliotecas ao IIHS e até coletaram elas próprias material para o IIHS. Especialmente o "meu" *cabinet* - Espanha, Portugal, América Latina e anarquismo - recebeu muita assistência de todos os tipos de visitantes e nós então conseguimos grandes e importantes coleções tanto de material mais antigo como de material mais atual, que certamente será de grande valor para os futuros historiadores.

De fato, foi possível criar um tipo de ajuda mútua. Não apenas pudemos dar aos visitantes assistência, como os novos desenvolvimentos em tecnologia tornaram possível a troca de fotocópias, microfilmes, etc. Eu seguramente recebi para o IIHS mais do que eu poderia dar nessa relação de ajuda mútua.

O sucesso do IIHS também teve muito a ver com algumas circunstâncias e condições específicas.

Em primeiro lugar, sua posição jurídica. Depois que se tornou necessário pedir verbas do governo - primeiro por intermédio da Universidade de Amsterdã e, desde 1979, da Academia Real Holandesa de Ciências (KNAW) - o Instituto manteve sua posição neutra e autônoma. A antiga fundação criada em 1935 não desapareceu e é nessa condição de fundação independente que o IIHS mantém os seus acervos. O IIHS pode fazer as suas próprias regras no que diz respeito ao acesso dos arquivos. Isso é útil porque indivíduos e organizações que pretendam ceder seus arquivos ao IIHS (em custódia ou como doação) algumas vezes querem estabelecer condições específicas a respeito da acessibilidade. Por outro lado, nos arquivos estatais é impossível consultar documentos de data recente; no IIHS muitos arquivos de datas recentes estão abertos ao público.

A posição particular dos Países Baixos com suas tradições de um saber liberal é outro fator. E a Holanda não é apenas um país neutro e liberal, mas também é pequeno. É muitas vezes mais fácil para os "grandes" países aceitarem que uma verdadeira instituição internacional exista em um país pequeno do que em um país grande.

11. NOVOS DESENVOLVIMENTOS

Posthumus sempre esteve bem consciente do fato de que a história social, em sentido amplo, abrangia muito mais do que a história do trabalho. Nos anos 60 e 70, esse "muito mais" chegou até o IIHS. Os historiadores queriam estudar a história do trabalho em um contexto mais amplo. O modo anglo-saxão de abordagem da história social, com sua atenção sobre estruturas sociais, relações e interações sociais, estratificação social, etc., tornou-se importante na história do trabalho. Pesquisadores vindos de outras disciplinas - educação, antropologia social, etc. - encontraram seu caminho para Amsterdã.

Os historiadores formularam novas questões. Até os anos 60, a história do trabalho foi, falando genericamente, a história política das organizações socialistas, juntamente com a história das idéias socialistas e das disputas internas e externas das organizações. Era, de fato, essencialmente a história das elites dentro do movimento do trabalho. Os acervos IIHS refletem, em um certo sentido, esse elitismo. Agora, o interesse histórico virou-se em direção à classificação e ao arquivamento, à base dos movimentos e suas expressões culturais e também aos trabalhadores e pessoas fora das organizações.

Piotr Kropotkin já havia observado que a história real do movimento anarquista não foi refletida em seus livros, mas sim em seus periódicos, lidos pelos militantes. O interesse pelos periódicos foi certamente crescendo e eles eram lidos com outros olhos. A importância histórica de outras fontes foi descoberta e elas se tornaram confiáveis também: fotos, música, teatro, cinema, testemunhos orais, tradições e arquivos locais. Os acervos do IIHS mantêm sua importância, mas, para muitos historiadores, Amsterdã é apenas um dos muitos lugares que devem ser visitados.

Os novos movimentos alternativos são, geralmente, organizações muito regionalizadas, seus testemunhos escritos são difíceis de se obter e só são conseguidos *in loco*. Deveria o IIHS concentrar sua atenção no seu campo tradicional de interesse ou deveria tentar ampliá-lo? Essa questão tornou-se uma importante discussão interna, sem uma conclusão definitiva.

12. REORGANIZAÇÃO E SEPARAÇÃO

O grande crescimento tanto das coleções quanto do número de visitantes e da conseqüente correspondência nos anos 70 provaram haver uma grande tensão na estrutura organizacional do Instituto, que fundamentalmente não havia sido alterada desde sua fundação. O trabalho dos *cabinets* requisitava capacitações muito diversificadas: todos os tipos de aquisição; classificação; assistência aos visitantes e à correspondência; ajuda e colaboração junto aos departamentos técnicos; trabalho editorial da revista e dos manuscritos propostos para publicação; pesquisa e publicação; tarefas especiais (palestras, conferências, programas de televisão etc.). Uma grande parte dessa "produção" era mais ou menos "invisível" e não aparecia em relatórios ou estatísticas anuais. O trabalho acadêmico dos membros da equipe sofreu esse peso em uma época em que o axioma americano "publicar ou perecer" atingia os institutos como o IIHS.

Resolver os problemas organizacionais que surgiam com a expansão levou a um plano de reorganização total, que foi completado em 1987. A operação consistia em substituir a antiga estrutura do *cabinet* por uma separação mais estrita entre, de um lado, os departamentos de coleções e, de outro, o departamento de pesquisa acadêmica. Dentro do departamento de coleções, novamente uma separação rígida foi feita entre os "serviços de pesquisa" (aquisição e classificação), os "serviços de acesso" - contendo seções para os arquivos, para o registro (catálogos) - e os "serviços ao público" (incluindo a sala de leitura).

Naturalmente, a reorganização teve o seu preço. Antes, a estrutura do IIHS era um tipo de tabuleiro de xadrez com os *cabinets* autônomos de um lado e os departamentos mais técnicos de outro, sem muita hierarquia, com contatos informais e muitas possibilidades de discussões e decisões democráticas. O Instituto é agora muito mais estruturado, é hierárquico na sua organização e menos democrático. As operações de ajuda mútua, na maioria das vezes de caráter razoavelmente informal, são menos fáceis de executar.

A concepção de postos da integração de arquivos e pesquisa desapareceu, mas, pela primeira vez em sua história, o "novo" -

reorganizado - Instituto realizou muitos dos sonhos de seu pai fundador. E, de alguma maneira, a reorganização significou aceleração de uma tendência a longo prazo do desenvolvimento na relação entre história social e os arquivos.

13. EXPANSÃO: NOVAS E ANTIGAS FORMAS

Com a reorganização, a pesquisa e a publicação adquiriram maior importância. O IIHS criou vários projetos que unem tanto acadêmicos internos quanto externos para abordar temas essenciais da história social com base em perspectivas comparativas. Os temas foram: "quais fatores foram decisivos para a medida do sucesso do movimento trabalhista no período de 1870-1914?"; o Komintern em vários países e regiões diferentes; fontes sobre social-democracia durante a I Guerra Mundial; e o projeto MEGA (ver abaixo). Organizaram-se as conferências nacionais e internacionais e os seminários, e as exposições acontecem regularmente.

A reorganização criou seu próprio *momentum* - nova localização, novos desenvolvimentos das coleções, pesquisa, publicações, utilização de computadores e a reunião dos dois filhos de Posthumus, NEHA e o IIHS, sob o mesmo teto. Em 1989, o IIHS transferiu-se novamente para um prédio impressionante adaptado especialmente para as necessidades e desejos do Instituto⁵. O novo prédio acomoda, além do IIHS e do NEHA, o Museu da Imprensa dos Países Baixos e o Arquivo Audio-Visual Holandês, tornando possível várias formas de integração - o catálogo, por exemplo.

A informatização de livros, panfletos e periódicos acessíveis foi realizada. A iconografia do departamento da imagem e do som foi também informatizada com cópias de imagem digitalizada. Os visitantes podem ver o material na tela. Acelerou-se a microfilmagem para cópias de segurança; a coleção dos periódicos da América Latina foi microfilmada.

⁵ Ver BEEK, Hans van, KLOOSTERMAN, Jaap. *Moving Marx. The International Institute of Social History at 31 Cruquiusweg, Amsterdam*. Amsterdã, IISG, 1989.

Rudolf de Jong

Novas séries de livros foram iniciadas. O IIHS criou seu próprio espaço de publicação editando monografias da história social holandesa, inventários de seus arquivos e outros instrumentos de trabalho. Muitos inventários estão agora à disposição também em microfichas.

No que concerne às coleções, um departamento turco foi formado depois da aquisição de uma impressionante coleção sobre o movimento trabalhista turco; a documentação chinesa chegou à instituição e, em relação aos campos tradicionais de interesses, o fluxo de aquisições não se esgotou, ao contrário. Também da América Latina o IIHS obteve todo tipo de material.

14. AQUISIÇÃO DE COLEÇÕES SOBRE A AMÉRICA LATINA NOS ÚLTIMOS 20 ANOS

O IIHS adquiriu de várias maneiras coleções sobre a América Latina. A aquisição regular e cotidiana de livros sobre a América Latina com o - limitado - orçamento anual foi concentrada no movimento operário tradicional e nas revoluções (Bolívia, Cuba, Chile e Nicarágua). Atenção especial foi dada às publicações sobre repressão e luta pelos direitos humanos e pelas organizações de solidariedade na Europa.

De importância maior - especialmente do ponto de vista da obtenção de materiais básicos - foi a aquisição de coleções especiais. De grupos de solidariedade e direitos humanos, de particulares, de pesquisadores e por meio de colaboração internacional, o IIHS recebeu coleções extensas e muito importantes de todos os tipos de materiais. Relaciono aqui apenas os principais tópicos:

- O intercâmbio com o Arquivo Edgard Leuenroth já foi mencionado.
- O Prof. Marcelo Segall Rosemann, um conhecido historiador social chileno, foi preso depois do golpe de Pinochet em 1973. Com a ajuda do IIHS, ele pode deixar o Chile com sua coleção e trabalhar por muitos anos no IIHS. O IIHS recebeu sua extensa coleção - livros, panfletos, periódicos, iconografia, materiais

"marrons" - sobre a história social do Chile e de outros países. Sobre o Brasil, apenas alguns panfletos.

- Grandes coleções de materiais "marrons" foram coletados pelo jornalista holandês Koos Koster e sua viúva A. Rumayor. Koster começou a coletar folhetos, distribuídos nas ruas na época do presidente Allende no Chile. Depois do golpe ele foi preso, mas pôde deixar o país. Em seguida trabalhou no Peru, no México e na América Central. Ele foi assassinado pelo Exército em El Salvador. O material coletado contém documentos das organizações de direitos humanos, de movimentos de oposição política, de organizações católicas de base em bairros, etc. Essa coleção também contém apenas poucos itens sobre o Brasil.
- J. Pérez, um historiador de organizações trabalhistas em Porto Rico, doou ao IIHS uma vasta coleção - em microfilme e cópia de xerox - sobre a história trabalhista daquela ilha, do período colonial no século XIX à década de 1960, contendo periódicos, documentos, atas de congressos, etc.
- O historiador franco-chileno S. Grez Toso realizou vários projetos de microfilmagem de manuscritos e periódicos das primeiras organizações dos trabalhadores no Chile, na primeira metade do século XIX.
- De Condes Lara o IIHS adquiriu a coleção sobre o Partido Comunista do México, com todo tipo de material, incluindo as instâncias regionais e locais. Os anos de 1960-1985, especialmente, são muito bem documentados.
- A coleção e os arquivos da casa editorial espanhola no exílio mais importante, Ruedo Iberico (J. Martinez), contém informações e materiais interessantes também sobre a América Latina.

Rudolf de Jong

- A coleção de M. Almada, pesquisador da educação e prisioneiro político no Paraguai, é uma documentação extensa sobre a situação política e econômica daquele país e sobre a repressão e a resistência durante o regime de Stroessner (1966-1990).
- Uma coleção de periódicos anarquistas do Peru (cópias, de L. Tajera), do primeiro quarto do nosso século.
- Uma parte da biblioteca de G. Beyhaut, pesquisador do Uruguai, que trabalha em Paris.
- Vários chilenos, argentinos e outros exilados nos Países Baixos doaram ao IIHS documentação a respeito de organizações de exílio, de repressão e de resistência. Outros (J. Mendoza, R. Falcon), foram muito prestativos na coleta de material para o IIHS.
- Coleções extensas - mais de 25 m - foram doadas ao IIHS por comitês de solidariedade nos Países Baixos. Cuba (com uma vasta documentação de artigos sobre Che Guevara), Nicarágua (incluindo reportagens sobre projetos especiais nesse país) e Chile têm as maiores coleções, incluindo periódicos e panfletos, iconografias, etc.
- A Seção de Documentação de Movimentos Sociais (SMD) do IIHS, possui 80 fitas de áudio e discos com músicas do Brasil (em torno de 100, da América Latina); oito vídeos e três filmes.
- Por fim, mas não menos importante, são os vários projetos *ad hoc* para microfilmar arquivos de organizações mais amplas, em colaboração com outros institutos na Europa. Arquivos do sindicato da Bolívia, do sindicatos dos mineiros e dos metalúrgicos do Peru e dos sindicatos peronistas foram microfilmados. Nesses casos - entre os quais o projeto de Grez - , a aquisição se faz juntamente com a preservação dos conteúdos dos arquivos originais.

15. O RESGATE NOVAMENTE

Dois institutos importantes, que têm bons contatos diretos com muitos grupos e organizações alternativos, chegaram ao IIHS como unidades autônomas. O primeiro deles é o Arquivo-ID alemão (Documentação Internacional), contendo a imprensa alternativa alemã do pós-guerra (na maior parte, dos anos 60 em diante). Com sua sede em Frankfurt, o Arquivo-ID funciona com dificuldades financeiras e mudou-se para o IIHS, com seus acervos, seus dois colaboradores e seu próprio programa de publicação. Algo similar ocorreu com a seção de Documentação dos Movimentos Sociais (SMD), por muitos anos um centro especial na Biblioteca Universitária de Amsterdã. O SMD tem um amplo interesse cultural e possui uma larga documentação sobre povos indígenas (IV Tribunal Internacional Russell), com material sobre os índios do Brasil e uma primorosa coleção de vídeos, filmes e músicas sobre o Brasil e outros países da América Latina.

Operações de resgate de um tipo diferente tornaram-se necessárias na Europa Oriental. O IIHS obteve uma coleção importante do Solidarnosc, o Sindicato dos Trabalhadores da Polônia, referente a seus anos de atividades clandestinas. Da Tcheco-Eslováquia chegou, após sua democratização, uma coleção por longo tempo escondida, sobre o Partido Socialista daquele país.

Uma forma completamente nova de resgate emergiu em consequência do desmantelamento da União Soviética. Cito apenas dois procedimentos. O primeiro refere-se ao antigo Instituto Marx-Engels-Lênin de Moscou e seu grande projeto MEGA (Marx Engels Gesamt Ausgabe) para editar e publicar, em conjunto com seu instituto-irmão em Berlim Oriental, as obras completas de Marx e Engels, incluindo suas correspondências, seus cadernos, etc., em mais de 100 volumes. Em 1991, os trabalhos do projeto Mega na antiga República Democrática Alemã e na Rússia atingiram quase uma paralisação completa. Uma nova fundação internacional foi formada para salvar o projeto MEGA, com o auxílio do IIHS, a Academia Alemã de Ciências e especialistas do Leste e do Oeste. No mesmo ano, uma operação ainda maior tornou possível a continuação dos trabalhos do Instituto de Moscou, agora Centro Russo para Preservação e Pesquisa de Documentos Contemporâneos.

16. COLABORAÇÃO INTERNACIONAL

O IIHS nunca teve uma posição monopolista. O antigo Instituto Marx-Engels de Moscou possui um valor diferente, mas esse valor não é, certamente, menos importante. O Hoover Institute on War, Revolution and Peace, na Universidade de Stanford nos Estados Unidos, fundado em 1919, é também famoso por seus acervos sobre socialismo e história do trabalho. O Instituto G. Feltrinelli - com sua enorme coleção sobre o Partido Comunista Brasileiro - está representado neste ciclo de debates promovido pelo Arquivo Edgard Leuenroth. A Bibliothèque Internationale de Documentation Contemporaine (BDIC), em Nanterre (França), nasceu em 1914 e recolheu coleções, no início, especialmente da Rússia. Hoje ela é de grande importância para a América Latina e também para outras regiões.

Na maior parte dos países - certamente na Europa - há agora novos arquivos, bibliotecas e centros, com documentação importante sobre seus próprios países e, freqüentemente, com materiais importantes de outros países. Na maior parte dos países da Europa, é possível encontrar bibliotecas e institutos especializados sobre a América Latina.

Contatos e formas de colaboração sempre existiram. O desenvolvimento de tecnologia torna o intercâmbio de dados, informações e microfílmagens muito fácil. Assim, a colaboração torna-se mais importante do que antes.

Vários projetos *ad hoc* muito importantes foram realizados com a participação do IIHS, a fim de obter microfilmes de arquivos e coleções importantes da América Latina. Os centros ficavam com microfilmes dessas coleções, os documentos originais permaneciam em seus países de origem, e assim um projeto de cópia de segurança em microfilmes era realizado automaticamente. Entre esses institutos envolvidos, menciono o BDIC, o CESAME (Paris), Feltrinelli, REMOS e Pedro Milesi (Buenos Aires).

Gostaria, no entanto, de fazer menção a apenas duas organizações internacionais de colaboração entre institutos, que mais nos interessam de perto: IALHI (Associação Internacional de Institutos de História do Trabalho), com sua sede no IIHS; e REDIAL (Rede Europeia de

Información y Documentación sobre América Latina - secretária-geral Mona Huerta, IHEAL, 28 rue Saint-Guillaume, 75007 Paris).

No 46º Congresso de Americanistas em Amsterdã, em 1988, um simpósio foi organizado sobre "Los sistemas de información en ciencias sociales y humanas sobre América Latina en Europa: balance para una cooperación europea"⁶. Essa cooperação foi moldada pela fundação do REDIAL em 1989, com oito grupos de trabalho para a criação de catálogos e de outros tipos de instrumentos de trabalho a respeito dos estudos europeus sobre a América Latina, das informações sobre a América Latina disponíveis na Europa (coleções, etc.) em institutos oficiais e entre as organizações não-governamentais (ONGs) europeus e dos projetos para a segurança dos arquivos de movimentos populares na América Latina. No último grupo de trabalho (coordenado pela BDIC), vários projetos de microfilmagem foram realizados. A REDIAL publica uma revista com o mesmo nome, contendo informações inestimáveis sobre os acervos europeus a respeito da América Latina, no que concerne às bibliografias e outros instrumentos de trabalho.

17. O IIHS, ALGUMAS CARACTERÍSTICAS

As coleções do IIHS contêm, aproximadamente:

Livros e panfletos: 600 mil títulos;

Periódicos: 70 mil;

Arquivos (incluindo o material documental "cinzento"): 8 km;

Cartazes: 50 mil (13 mil ainda não acessíveis);

⁶ A REDIAL editou um documento de trabalho com os procedimentos deste Simpósio: 46º Congresso Internacional de Americanistas. Simpósio: *Los sistemas de información en ciencias sociales y humanas sobre América Latina in Europa: balance para una cooperación europea*, 354 p.

Com o título *REDIAL. Revista Europea de Información y Documentación sobre América Latina* a organização começou, em 1993, uma revisão importante, contendo todo tipo de informação prática sobre coleções e arquivos na Europa, que tivessem documentação sobre a América Latina.

Rudolf de Jong

Fotos e outros itens iconográficos: 240 mil (160 mil ainda não acessíveis);

Fitas de áudio, vídeos, etc.: 2 mil.

É ainda impossível apresentar as características exatas dos periódicos brasileiros e latino-americanos no IIHS, porque até agora existe apenas um catálogo geral dos periódicos. Além dos panfletos nas microfichas do Arquivo Edgard Leuenroth, o IIHS possui cerca de 15 mil títulos catalogados sobre a América Latina. Existem por volta de 1.000 sobre o Brasil; 1.600 sobre a América Latina ou sobre a América do Sul em geral, contendo sempre capítulos sobre o Brasil. Dos títulos brasileiros, cerca de 250 são anteriores a 1940; em torno de 650, depois de 1960.

18. CONCLUSÃO

O IIHS mudou. Antes era um mendigo em um famoso trono de ouro; o ouro de seus acervos inestimáveis. Hoje é um instituto bastante privilegiado no mundo da história social, com uma reputação mundial. A história do trabalho mudou também. Tornou-se profissional e acadêmica.

De uma maneira bem modesta, eu contribuí para esses desenvolvimentos.

Algumas vezes fico a imaginar como seria se a história do trabalho não tivesse se tornado acadêmica, muito "oficial". Os pesquisadores mais interessantes são encontrados hoje do lado de fora, ou nas margens da universidade e das corporações burocráticas. Eles ainda têm o mesmo compromisso de luta pela emancipação que tiveram os primeiros historiadores do trabalho. E, cada vez mais, fico convencido da importância do trabalho de pequenos - e mesmo desconhecidos - centros de documentação, bibliotecas e arquivos que pertencem ou já pertenceram a grupos, organizações e indivíduos que coletaram a herança cultural dos movimentos sociais.

Temos de perceber que arquivos e institutos como o IIHS existem atualmente e que a história social pode ser escrita hoje somente porque foram tornados possíveis por homens e mulheres como Edgard Leuenroth.